

O SAMBA COMO EXPRESSÃO DO FEMINISMO NEGRO: RESSIGNIFICANDO VIVÊNCIAS

Autor(a): Michelle Ferreira Ezaquiel ¹

Orientador(a): Cíntia Sanmartin Fernandes ²

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a presença da mulher negra no samba como potência e expressão do feminismo negro. Além de investigar a resignificação do lugar da mulher negra enquanto agente comunicacional, e possível potencializadora de socialidades dissensuais no samba carioca. Historicamente a mulher teve grande importância para a manutenção desta cultura na cidade do Rio de Janeiro, contudo a participação dessa mulher não é dada a devida relevância. O samba é uma das expressões culturais do negro mais marcantes da cidade do Rio de Janeiro. E que tem importante presença de mulheres negras na fundamentação e manutenção dessa cultura, como por exemplo Tia Ciata. Contudo, não temos uma história social do samba em que a mulher tivesse tal prestígio como é de se esperar. Ao longo da história temos músicas machistas e sexistas, e até mesmo práticas dessa natureza, ao ponto de termos o exemplo de Dona Ivone Lara, que compôs diversos sambas para a Escola de Samba Império Serrano, e não pode assinar pelo fato de ser mulher, e as composições de sua autoria eram assinados pelo primo Mestre Fuleiro, e só mais tarde ela teve o devido reconhecimento. Ao longo do tempo muitas composições de samba foram depreciativas tanto no trato de gênero como de raça. O trabalho parte da perspectiva do feminismo negro para analisar a historicidade das mulheres negras no samba. Pelo ponto de vista que o samba tem a sua expressão fundamentada em um país racista e sexista é de se esperar que essa discriminação se manifeste nesse gênero musical também. Por esse motivo, propomos a análise da capacidade de resignificação do lugar da mulher negra enquanto agente comunicacional e potencializadora de socialidades dissensuais no samba carioca, já que ao longo da história elas avançaram e avançam no debate de pautas sobre gênero e raça a partir de canções feministas negras. Atualmente vemos diversas composições de mulheres pretas que trabalham justamente o oposto. Elas trazem em suas letras reivindicações da agenda feminista interseccional contemporânea. A partir de um levantamento teórico sobre feminismo interseccional, samba e partilha buscamos entender como a

¹ Aluno(a) do curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

² Professor(a) do curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

presença da mulher negra cantando sambas que pautam o feminismo negro nas rodas de samba são capazes de ressignificar vivências e socialidades nesse espaço. Percebendo as inúmeras interseccionalidades entre gênero e raça observa-se que ter mulheres negras ampliando as discussões dessa temática é essencial para a dinamicidade do termo sambista, enquanto mulher, preta e sambista. Observar o percurso da mulher negra na sociedade é fundamental para entender o cenário atual em que mulheres pretas debatem suas pautas a partir de sua presença de forma mais enfática no mundo do samba e em composições feministas negras. Voltamos nossa atenção para as canções que avaliamos como feministas negras partindo do ponto de vista de lugar de fala apresentado por Djamila Ribeiro (2017). A teoria sobre “lugar de fala” tem origem imprecisa, estima-se que começou a ser utilizado a partir da “feminist stand point”, com tradução para “ponto de vista feminista”. Ribeiro (2017) propõe que o conceito possa ser encarado como a exigência de grupos marginalizados e subalternizados ao direito de falar por si, ou propriamente dito, direito ao discurso e tê-lo validado socialmente. Como apresentado tratamos esse conceito como forma de legitimação discursiva. Ou seja, nos sambas analisados podemos observar a busca por “se fazer ser ouvida”. Essas sambistas negras trazem em suas composições questões que experimentam no dia a dia submetidas a partir de gênero e raça. Vilma Piedade (2019) coloca em sua definição de dororidade a dor da negação ao discurso validado. Com isso, podemos suspeitar que o conceito de dororidade no samba se apresenta a partir do lugar de fala dessas mulheres. A disputa de narrativa é uma forma de a partir da experimentações cotidianas essas mulheres moldarem memórias mais afetivas às suas vivências. A necessidade de ressignificar o espaço da mulher negra surge não somente no mundo do samba, mas também na estrutura social. Dessa forma, podemos pensar que as canções feministas pretas podem traçar novas socialidades dissensuais ao que vivemos no presente.